

## RESENHA

*Davi F. M. Caceres\**

ALBUQUERQUE, Tiago (Org.). **Hermenêutica: fundamentos, linguística e testamentos**. Eusébio, CE: Peregrino, 2018. 324 p.

Este livro, *Hermenêutica: Fundamentos, Linguística e Testamentos*, é organizado pelo pastor e teólogo brasileiro Tiago Albuquerque. Além de organizador, ele também é autor de alguns capítulos do livro. A obra tem onze capítulos, sendo cada capítulo um artigo acadêmico independente. Esses onze capítulos são divididos em três partes. A primeira parte aborda os fundamentos hermenêuticos; a segunda parte trata da linguística aplicada aos estudos do Novo Testamento, e a terceira parte discute a questão do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Cada parte do livro reúne os capítulos relacionados ao tema central.

A primeira parte aborda os fundamentos da hermenêutica, fundamentos aqui entendidos como os elementos filosóficos e teológicos sobre os quais são erigidas as práticas hermenêuticas. Não espere abordagens como: Por onde começar nosso estudo hermenêutico? Não! Este não é o foco. O primeiro capítulo é a tradução do artigo escrito pelo Dr. Norman L. Geisler sobre “Interpretação das Escrituras e a relação entre propósito e significado”.<sup>1</sup> Nesse artigo o Dr. Geisler faz uma defesa vigorosa da afirmação de que o significado de determinada passagem está no texto e não no propósito do autor. O significado é definido pelo Dr. Geisler como o “o quê” do texto, enquanto o propósito é definido como o “para quê” do texto (p. 15). Em sua visão, há um significado e diversas aplicações para esse significado. O termo utilizado para descrever as aplicações é significância (p. 18). Sua preferência é não utilizar

---

\* Aluno do programa de Magister Divinitatis (M.Div.) em Estudos Hermenêuticos do Novo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

<sup>1</sup> O artigo original é: GEISLER, Norman L. “The relation of purpose and meaning in interpreting Scripture”. *Grace Theological Journal* 5.2, 1984, p. 229-245.

o termo intenção, pois o campo semântico desse termo é amplo e pode trazer confusões ao processo, por exemplo, ao trabalhar sinonimicamente intenção e propósito autoral e, conseqüentemente, significado. Uma vez que o significado não está no propósito, e sim no texto em si, a intenção autoral deveria ser entendida como o significado, pois trata com o que o texto diz. Desse modo, o significado (o quê) pode ser alcançado sem se ter o propósito (para quê) com que o texto foi escrito.

A leitura, apesar de mais técnica, é bastante agradável e conduz o leitor a compreender o argumento apresentado. É importante destacar que a filosofia hermenêutica esboçada abre espaço para vencer o nível da interpretação meramente da palavra. Ao descrever o significado como algo que está no texto, o intérprete deveria ler o texto como um todo e não somente a palavra (p. 28). O significado pretendido pelo autor com aquela palavra só será alcançado se a palavra for lida no contexto. Por isso, o intérprete busca sempre ler o texto como um todo, desvendando os elementos unificadores do argumento do autor contidos no texto, para, então, buscar o significado em determinada passagem (p. 30,31). Ainda que seja um artigo originalmente publicado em 1984, seu conteúdo é extremamente relevante ainda hoje e as definições claríssimas. Há uma clara tentativa de eliminar as especulações livres e estabelecer diretrizes que governam o modo como lemos e interpretamos o texto.

O segundo capítulo aborda um tema teológico e suas implicações para a hermenêutica que é a compreensão do papel do Espírito Santo no processo hermenêutico. Mesmo começando pela apresentação de três visões da atuação do Espírito do Santo na interpretação, os autores se concentram na análise exegética de seis textos do Novo Testamento (Jo 14.26; Jo 16.13; Lc 24.44-49<sup>2</sup>; 1Jo 2.20, 27; 1Co 2.14; 2Tm 2.7) para, em decorrência, tirar conclusões. A visão tradicional estabelece em todos esses textos analisados que o Espírito Santo é ativo na iluminação das Escrituras. Os autores discordam dessa visão e apresentam argumentos de que os textos dos evangelhos (João e Lucas) referem-se a promessas de iluminação para os primeiros discípulos, e não para a presente era da igreja. As implicações da presença do Espírito são visíveis, na visão dos autores, nos outros textos. Os autores chegam a conclusões semelhantes às da visão tradicional, porém somente nos textos não pertencentes aos evangelhos.

O terceiro capítulo, escrito pelo Pr. Valberth Veras, se apresenta como o mais provocativo e interessante dessa primeira parte do livro, sendo recomendada fortemente a sua leitura. Ainda que o título do capítulo não represente, na minha visão, a melhor descrição do conteúdo, a maneira como aborda a questão hermenêutica é muito particular. Seu questionamento está no nível dos pressupostos e não da prática hermenêutica. Ele não renuncia a uma leitura histórica

---

<sup>2</sup> Infelizmente, por uma questão de revisão e diagramação a referência bíblica está errada no título da seção que trata do texto de Lucas.

e gramatical do texto, porém, levanta o tema da hermenêutica da humildade. Trata-se da hermenêutica que é capaz de reconhecer seus limites e por isso depende tanto do Espírito Santo quanto de um trabalho exegético árduo, que tem a Palavra de Deus como verdade e vê como papel do intérprete compreender seu significado, que aprimora seus processos de validação das conclusões exegéticas e que compreende a influência da história filosófica ocidental no modo como se lê a Bíblia no Norte Global. Ele gera um desconforto naqueles que sustentam uma perspectiva histórico-gramatical da hermenêutica ao esboçar o grau de influência do pensamento iluminista na maneira como abordamos o texto bíblico e como o método do Norte Global é hegemônico em nossos dias, e nem sempre correto, a despeito de ser um método tão rigoroso.

O quarto capítulo, por sua vez, é um estudo hermenêutico escrito pelo Dr. Darrell Bock que buscará os elementos do “já” e do “ainda não” nos livros de Lucas-Atos a partir de uma perspectiva dispensacionista. Nessa primeira parte do livro, que aborda a hermenêutica, sem dúvida alguma, o primeiro e o terceiro capítulo são os mais interessantes e merecem ser lidos.

A segunda parte do livro, aquela que trata de questões linguísticas, apresenta assuntos extremamente atuais e relevantes, que, para muitos pastores e professores de seminário em nosso país, são questões distantes. O capítulo 5 apresenta uma abordagem do texto de 1Pedro 3.18-22 na perspectiva da análise do discurso. Ainda que muito utilizada nos estudos literários de modo geral, no campo dos estudos bíblicos em nosso país a análise do discurso é uma ilustre desconhecida. O autor, Pr. Tiago Albuquerque, utiliza a metodologia apresentada por George H. Guthrie, que trabalha com mudanças coesivas (*método ioiô*) com pequenas alterações. Ele começa com o macro nível textual, vai para o micro nível, retorna para o macro nível, conclui no micro nível e, então, apresenta suas conclusões. Esse processo de ir e vir não elimina o trabalho exegético tradicionalmente feito na perícope a ser estudada, mas busca relacionar as conclusões sempre com o discurso.

O sexto capítulo apresenta uma das mais importantes discussões do grego do Novo Testamento, que é a questão do aspecto verbal. O autor, Pr. Tiago Albuquerque, apresenta de modo resumido, porém claro a existência de duas correntes básicas de pensamento sobre o aspecto verbal, uma defendida por Buist Fanning e outra defendida por Stanley Porter. Enquanto Fanning defende que a forma verbal grega gramaticaliza o tempo e o aspecto, Porter entende que só o aspecto é gramaticalizado e não o tempo. A visão de Fanning não é discutida, apenas a de Porter. Primeiramente é feito um levantamento de suas afirmações tanto em seus escritos como em fontes secundárias. Verificada a visão de Porter, é feita uma avaliação importante, tanto utilizando o conceito de *langue e parole* de Ferdinand de Saussure como a história do estudo gramatical feita por gramáticos gregos. Vale destacar que em livros publicados em português sobre o grego do Novo Testamento, talvez seja o primeiro a

trazer este debate à tona. Apesar da brevidade do artigo, sua leitura é fundamental. Há detalhes importantes que ainda precisarão ser discutidos, como, por exemplo, se a gramaticalização do tempo é somente no indicativo ou em outros modos, como compreender as exceções importantes para Porter, como devemos entender o aumento, etc.

O capítulo seguinte (capítulo 7) aprofunda a crítica à visão de Porter. Esse capítulo é um importante artigo escrito por Steven E. Runge,<sup>3</sup> que avalia a posição de Porter a partir das fontes bibliográficas citadas por ele para fundamentar o seu trabalho de não gramaticalização do tempo na forma verbal no grego. Runge recorre às principais fontes e descobriu o argumento de Porter, mostrando que seu uso das fontes foi seletivo e impreciso. Segundo Runge, Porter usou as informações das fontes que lhe eram favoráveis, mesmo que a posição sustentada pelo autor citado fosse contrária à dele. Para Runge, Porter forçou sua preconcepção sobre o verbo grego nas fontes por ele citadas. Ele destaca que grande parte do trabalho de Porter nesse campo específico não trouxe progresso. Runge também destaca que o verbo grego tem uma tendência maior a enfatizar o aspecto em relação ao tempo, ressaltando que há elementos dêiticos que favorecem a percepção temporal, mas é sua visão que o tempo também é um elemento presente no verbo grego no modo indicativo.

O último capítulo desta segunda parte, o capítulo 8, deve ser lido. Mesmo que apresente descrições importantes das visões de autores como Porter e Fanning, o autor se propõe a fazer uma avaliação da história recente dos estudos do verbo no grego do Novo Testamento. Sua avaliação é equilibrada, destacando os aspectos positivos e negativos da atual discussão e encorajando os eruditos, professores, exegetas e pastores a uma melhor compreensão desses assuntos. Destaco que este capítulo é a tradução de um artigo de 2005,<sup>4</sup> e que muito esforço já foi feito na direção de solucionar alguns dilemas apresentados pelo autor. Particularmente, penso que o material *The Greek Verb Revisited*<sup>5</sup> é uma tentativa atualizada de progredir no campo do estudo dos verbos gregos.

O livro merece ser lido somente por esses quatro capítulos. Não há outro material que discuta a questão aspectual do verbo grego do Novo Testamento em língua portuguesa. Há capítulos de livros que tratam da questão da análise do discurso, mas não li nada que trate do verbo especificamente como é feito aqui. Ainda que os artigos não sejam atuais, eles apresentam uma introdução importante para quem deseja se aprofundar nesse campo. Os pesquisadores

<sup>3</sup> Artigo original: RUNGE, Steven E. "Contrastive Substitution and the Greek Verb". *Novum Testamentum* 56, 2014, p. 154-173.

<sup>4</sup> PICIRILLI, Robert E. "The meaning of the tenses in New Testament Greek: where are we?" *Journal of Evangelical Theological Society* 48/3, September 2005, p. 533-55.

<sup>5</sup> RUNGE, Steven E.; FRESCH, Christopher J. (Eds.). *The Greek Verb Revisited: A Fresh Approach for Biblical Exegesis*. Bellingham, WA: 2016.

e professores brasileiros precisam se familiarizar com essa discussão, pois os impactos desse debate para a exegese poderão ser enormes. Já começam a surgir internacionalmente comentários bíblicos a partir dessa abordagem.<sup>6</sup>

A terceira parte do livro apresenta artigos que tratam da questão do uso do Antigo Testamento pelo Novo Testamento. O nono capítulo<sup>7</sup> é escrito por W. Edward Glenny, que trabalha de modo detalhado a citação de Amós 9 em Atos 15. Trata-se de um capítulo bastante técnico que faz uso de dados contextuais, teológicos, gramaticais e hermenêuticos judaicos para estabelecer as razões do uso de Amós 9 em Atos 15, bem como de por que a LXX altera detalhes importantes em relação ao Texto Massorético de Amós 9. O editor do livro, Pr. Tiago Albuquerque, escreve mais um capítulo no qual trabalha com a utilização de Isaías 53 em 1 Pedro. Sua discussão caminha na direção de analisar de que maneira o uso do Antigo Testamento pelo Novo Testamento auxilia na compreensão da continuidade dos testamentos. Depois de descrever resumidamente alguns métodos para se interpretar o uso do Antigo Testamento pelo Novo Testamento, o autor adota o método que compreende que há um único significado com múltiplos contextos e referentes, onde o Novo Testamento pode expandir ou complementar o que o Antigo significou, mas nunca irá ignorar, contraditar ou negar o ambiente original ou o significado do Antigo Testamento (p. 255). Nesse sentido, o uso de Isaías 53 em 1 Pedro se torna um estudo de caso para o método adotado pelo autor. Sua abordagem busca interpretar o texto de Isaías 53 em seu contexto original, e então analisar como no contexto de 1 Pedro a interpretação histórica-gramatical de Isaías 53 funciona como elemento argumentativo em 1 Pedro, ao interpretar 1 Pedro também de modo histórico-gramatical.

O último capítulo é escrito por Abner Chou e descreve uma avaliação crítica à hermenêutica cristocêntrica.<sup>8</sup> Com isso, o autor não está dizendo que as Escrituras não estão dando testemunho de Cristo e nem mesmo que o Antigo Testamento não aponta para Cristo. Antes, seu pensamento é que a hermenêutica cristocêntrica apresenta equívocos metodológicos e, conseqüentemente, desemboca em falhas expositivas, teológicas e práticas. Com esse capítulo se fecha o livro e percebe-se que em todos os momentos a metodologia de hermenêutica histórico-gramatical estava sendo defendida desde os primeiros artigos até o último. O fato de haver desenvolvimento na área linguística não implica em minimização do conceito da hermenêutica histórico-gramatical e por mais

<sup>6</sup> PORTER, Stanley E. *The Letter to the Romans: A Linguistic and Literary Commentary*. Rev. ed. Sheffield Phoenix Press, 2015.

<sup>7</sup> GLENNY, W. Edward. "The Septuagint and Apostolic Hermeneutics: Amos 9 in Acts 15". *Bulletin for Biblical Research* 22/1, 2012, p. 1-26.

<sup>8</sup> CHOU, Abner. "A Hermeneutical Evaluation of the Christocentric Hermeneutic". *The Master's Seminary Journal* 27/2 (Fall 2016): 113-139.

complexos que sejam os desafios de se estudar o uso do Antigo Testamento pelo Novo a conservação de um modelo hermenêutico sustenta o trabalho exegético e fortalece a posterior exposição.

Uma observação importante a se fazer é que o livro carece de uma revisão de português (todo o livro) e de tradução (para os artigos que foram traduzidos), bem como maior zelo na utilização do grego e do hebraico. Existem erros frequentes, que, em muitos momentos, atrapalham a leitura e dificultam a apreensão do conteúdo. Destaco que isso não reduz a importância e a necessidade de se ler o livro, mas justamente por seu um livro essencial o zelo editorial deveria acompanhar.